

O PAPEL DO FARMACÊUTICO NA ATENÇÃO DA HIPERTENSÃO ARTERIAL

Simão José Schimith Lima¹; Sintya Cristina Taquetti Won Doelinger¹; Thiago Manfiolete¹;
Yuri Alves Oliveira²

¹Acadêmicos de Farmácia Faculdade Multivix Nova Venécia/ES.

²Mestre em Química pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (IBILCE/UNESP Campus de São José do Rio Preto) - Docente Faculdade Multivix Nova Venécia/ES

RESUMO

A hipertensão arterial é um estado de saúde crônico que necessita de acompanhamento médico para prevenir complicações como Acidente Vascular Cerebral (AVC) e problemas cardíacos. No entanto, a prática da automedicação entre pacientes hipertensos tem se mostrado um problema de saúde pública. Este estudo investiga os riscos associados a essa prática e destaca a importância da contribuição dos farmacêuticos na conscientização e prevenção da automedicação. A pesquisa, de natureza qualitativa e baseada em revisão bibliográfica, utilizou materiais de fontes secundárias para contextualizar o tema. Os resultados indicam que automedicar-se pode levar ao controle inadequado da hipertensão e ao aumento do risco de complicações cardiovasculares. Os farmacêuticos podem exercer um papel de suma importância na orientação dos pacientes, esclarecendo sobre a utilização correta dos medicamentos e enfatizando a necessidade de acompanhamento médico regular. Além disso, as intervenções farmacêuticas, como a reconciliação medicamentosa e o acompanhamento contínuo dos pacientes, mostraram-se eficazes na redução da automedicação e na promoção de um uso seguro dos medicamentos. Este estudo conclui que integrar farmacêuticos em políticas públicas de saúde pode melhorar o manejo da hipertensão e diminuir a automedicação, promovendo a saúde pública de forma mais abrangente.

Palavras-chave: hipertensão; automedicação; farmacêuticos; educação em saúde; prevenção.

ABSTRACT

Hypertension is a chronic health condition that requires medical monitoring to prevent complications such as stroke and heart problems. However, the practice of self-medication among hypertensive patients has proven to be a public health problem. This study investigates the risks associated with this practice and highlights the importance of pharmacists' contribution to raising awareness and preventing self-medication. The research, qualitative in nature and based on a literature review, used materials from secondary sources to contextualize the topic. The results indicate that self-medication can lead to inadequate control of hypertension and an increased risk of cardiovascular complications. Pharmacists can play a crucial role in guiding patients, clarifying the correct use of medications and emphasizing the need for regular medical follow-up. In addition, pharmaceutical interventions, such as medication reconciliation and continuous patient monitoring, have proven effective in reducing self-medication and promoting the safe use of medications. This study concludes that integrating pharmacists into public health policies can improve the management of hypertension and reduce self-medication, promoting public health more comprehensively.

Keywords: hypertension; self-medication; pharmacists; health education; prevention.

1 INTRODUÇÃO

A hipertensão arterial é uma doença crônica que demanda acompanhamento médico e tratamento adequado para prevenir complicações como Acidente Vascular Cerebral (AVC) e problemas cardíacos, no entanto, muitos indivíduos acabam se automedicando sem orientação profissional, o que pode levar a um controle inadequado da pressão arterial e até mesmo prejudicar negativamente o quadro clínico (Domingues *et al.*, 2017).

Lima *et al.* (2016) explicam que a automedicação em pacientes com pressão alta tornou-se um problema de saúde pública o qual precisa ser discutido com urgência, destacando-se a importância da conscientização da população de modo geral sobre os riscos dessa prática. Alguns estudos demonstram que a automedicação é capaz de interferir na ação dos medicamentos prescritos pelo médico e causar interações medicamentosas prejudiciais à saúde do paciente (Lima *et al.*, 2016).

Diante dessas informações, torna-se evidente que é fundamental para os profissionais da saúde promoverem a educação e incentivar os pacientes hipertensos a buscarem por acompanhamento médico regular, na intenção de garantir o correto manejo dessa doença. Através da conscientização sobre os danos a saúde ocasionada pela automedicação e a importância do uso adequado dos medicamentos, poderão-se prevenir complicações e contribuir positivamente com a qualidade de vida desses indivíduos (Lima *et al.*, 2016).

A automedicação entre os pacientes hipertensos geralmente ocorre devido à busca pelo alívio imediato dos sintomas, porém o risco encontra-se na utilização de remédios sem a devida orientação médica. Tal prática pode gerar sérias consequências para a saúde, como o agravamento da condição e o surgimento de complicações decorrentes do uso inadequado de medicamentos (Cordeiro, 2021).

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), a automedicação associa-se ao aumento do risco de eventos adversos em pacientes hipertensos, como crises hipertensivas, insuficiência renal e acidentes vasculares cerebrais. Além disso, o uso indiscriminado de medicamentos sem prescrição médica pode mascarar sintomas

importantes e retardar o diagnóstico correto da doença (Rodrigues, 2017).

No contexto mencionado, a função do farmacêutico na prevenção e educação dos pacientes é crucial, pois, esse profissional possui conhecimentos técnicos sobre os medicamentos usados no tratamento da hipertensão, sendo possível orientar os pacientes sobre a importância da utilização dos medicamentos prescritos pelo médico, sendo que os possíveis efeitos colaterais dos medicamentos e as interações medicamentosas que podem ocorrer (Silva Júnior, 2019).

O farmacêutico também pode promover a conscientização dos pacientes sobre os riscos da automedicação através do incentivo pela busca por acompanhamento médico regular para monitorar a pressão arterial e ajustar o tratamento conforme suas necessidades particulares identificadas pelo médico. Acredita-se que por meio de campanhas educativas e programas de atenção farmacêutica, esse profissional poderá contribuir para a promoção da saúde e qualidade de vida dos pacientes hipertensos (Moura, 2009).

O presente trabalho se concentrará na análise dos riscos associados à prática da automedicação em pacientes adultos com hipertensão, dando destaque para a importância da abordagem e orientação desenvolvidas pelos farmacêuticos. (Rezende *et al.*, 2023). Andrade *et al.* (2024) explicam que a automedicação pode representar um perigo para os pacientes em condições crônicas, como a hipertensão, isso, pois o uso inadequado dos medicamentos é capaz de ocasionar o agravamento da doença e complicações sérias. Nesse sentido, é essencial compreender como a atuação do farmacêutico pode contribuir para a redução dos riscos relacionados à automedicação nesse grupo específico de pacientes (Andrade *et al.*, 2024).

Qual é o papel do farmacêutico na prevenção e educação dos pacientes com hipertensão? Acredita-se que a automedicação pode levar a complicações graves em pacientes hipertensos, tornando essencial a intervenção do farmacêutico para garantir um uso seguro e eficaz dos medicamentos (Oliveira; Menezes, 2013). Objetiva-se de modo geral, identificar estratégias eficazes que possam ser introduzidas pelo farmacêutico para reduzir a automedicação em pacientes com hipertensão.

Especificamente objetiva-se, avaliar o impacto da automedicação em pacientes com hipertensão, incluindo os riscos associados à utilização inadequada de

medicamentos; investigar a eficácia das intervenções farmacêuticas na prevenção da automedicação em pacientes hipertensos; analisar o papel do farmacêutico na prevenção da automedicação em pacientes hipertensos, através de ações educativas e orientações sobre o uso adequado dos medicamentos; verificar quais pacientes estão mais propensos à automedicação e como a realizam.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 MOTIVAÇÕES E RISCOS POTENCIAIS ASSOCIADOS À AUTOMEDICAÇÃO

A automedicação de acordo com recentes pesquisas, tem se tornado cada vez mais recorrente em diversas populações, e entender os motivos que levam a isso é relevante para planejar e aplicar estratégias de mitigação. Estudos como os de Arraias *et al.*, (2016) sugerem que fatores culturais, sociais e econômicos desempenham papéis significativos na automedicação. Em sociedades onde o acesso a serviços de saúde é limitado ou oneroso, a busca por soluções rápidas e baratas é, muitas vezes, a única alternativa disponível para pacientes.

Além disso, a percepção de gravidade ou a banalização de certas condições pode levar indivíduos a optar pelo tratamento por conta própria. Cunha (2021) revela que a inclusão da medicina alternativa e o amplo acesso a informações (muitas vezes não fidedignas) pela internet têm fomentado essa prática. Outro fator crítico é a influência do meio social e da experiência familiar com medicamentos que, frequentemente, orienta o comportamento de automedicação (Naves *et al.*, 2010).

A prática de automedicação, embora comum, apresenta diversos riscos à saúde dos indivíduos, especialmente quando não há conhecimento suficiente sobre os medicamentos. A ingestão inadequada de medicamentos pode levar à toxicidade, reações adversas e até a interação com outras drogas que o paciente já esteja utilizando (Melo *et al.*, 2021). Além disso, certos medicamentos como antibióticos, podem perder eficácia individual e coletiva devido à resistência antimicrobiana, quando utilizados incorretamente (Araújo *et al.*, 2022).

Outro risco associado é a possibilidade de mascarar sintomas de doenças severas, retardando diagnósticos e tratamentos apropriados. Essa situação é particularmente crítica em pessoas com doenças crônicas, como hipertensão, onde a automedicação pode impedir a percepção dos reais efeitos da condição (Oliveira; Menezes, 2013).

Segundo Romano Lieber *et al.*, (2002) a perda de eficácia do tratamento pode ser uma consequência do uso inadequado dos medicamentos, que leva a um controle insuficiente das condições crônicas. Isso pode resultar em hospitalizações frequentes, maior carga no sistema de saúde e custos elevados para o paciente. Além disso, a prática pode gerar um ciclo de dependência ao uso de medicamentos, sem o devido acompanhamento médico (Diretriz, 2018).

Nessa perspectiva, é vital introduzir medidas educativas que conscientizem a população sobre os riscos da automedicação. Campanhas de saúde pública poderiam focar na importância de consultas regulares e do uso racional de medicamentos, incentivando a população a buscar orientação profissional qualificada (Naves *et al.*, 2010).

Assim, considerando que evitar a automedicação não é apenas uma questão de educar a população, mas também de garantir acesso adequado a serviços de saúde e criar políticas de dispensação controlada de medicamentos, torna-se crucial a participação ativa dos profissionais de saúde. Como argumentado por Bonomo *et al.* (2023), farmacêuticos e outros profissionais de saúde devem ser capacitados para desempenhar um papel educacional e de orientação junto aos pacientes, promovendo o uso consciente e seguro dos medicamentos.

Nesse contexto, é importante também considerar iniciativas comunitárias que promovam a saúde de forma abrangente e evitem a prática indiscriminada da automedicação. A cooperação entre serviços de saúde, profissionais e a sociedade pode contribuir para a redução dos riscos associados a essa prática e melhorar a saúde pública de maneira mais efetiva (Baroso *et al.*, 2020).

Em uma análise aprofundada sobre os motivos que levam à automedicação, estudos recentes destacam fatores adicionais que incentivam essa prática,

complementando o cenário já descrito. A pesquisa de Dantas *et al.* (2021) indicam que a falta de confiança no sistema de saúde público, associada à demora no atendimento médico, frequentemente leva indivíduos a buscar soluções por conta própria. Este comportamento é ainda mais prevalente em regiões mais afastadas ou em zonas rurais, onde a assistência médica é menos acessível. Portanto, a automedicação pode ser vista não apenas como uma escolha pessoal, mas também como uma consequência das falhas estruturais no acesso à saúde (Dantas *et al.*, 2021).

O estudo de Melo *et al.* (2021) salientam o papel desempenhado pela propaganda de medicamentos não controlados, que muitas vezes minimiza os riscos e promove a automedicação como uma decisão informada e sábia. Combinado com a prática comum de compartilhar medicamentos entre familiares e amigos, essa promoção se transforma em um problema social multifacetado, onde o acesso fácil aos medicamentos e a falta de informação contribuem para a manutenção desse comportamento perigoso. Por isso, intervenções educacionais e regulatórias são importantes para diminuir e até mesmo paralisar essa prática e realinhar a percepção pública sobre o uso responsável de medicamentos (Melo *et al.*, 2021).

2.2 AUTOMEDICAÇÃO EM PACIENTES COM HIPERTENSÃO

Domingues *et al.* (2017) observam que a automedicação é um problema de saúde pública que pode levar ao uso inadequado de medicamentos e, conseqüentemente, ao agravamento de doenças crônicas como a hipertensão.

Barroso *et al.* (2021) mencionam que os riscos associados à automedicação em pacientes hipertensos incluem o descontrole da pressão arterial, o surgimento de efeitos colaterais graves e até mesmo a resistência aos medicamentos prescritos. Além disso, a falta de acompanhamento médico adequado pode dificultar o controle da doença e aumentar o risco de complicações cardiovasculares.

Diante dessas informações, torna-se relevante mencionar que a automedicação não só prejudica a saúde do paciente hipertenso, mas também compromete todo o sistema de saúde, aumentando os custos com tratamentos desnecessários e hospitalizações (Arraias *et al.*, 2016).

Portanto, é fundamental conscientizar a população sobre os perigos da

automedicação e promover a importância do acompanhamento médico regular para garantir um tratamento eficaz e seguro para pacientes com hipertensão (Mengue *et al.*, 2016).

Tem-se que a automedicação em pacientes com hipertensão tem um impacto significativo na saúde desses indivíduos, podendo levar a complicações graves se não for abordada adequadamente. Dessa forma, é essencial incentivar práticas seguras de utilização de medicamentos e promover o acesso à assistência médica especializada para garantir um tratamento adequado e evitar os riscos associados à automedicação (Mengue *et al.*, 2016).

Destaca-se também que diversas estratégias eficazes podem ser introduzidas pelo profissional farmacêutico com o intuito de reduzir a automedicação nesse grupo de pacientes, isso é, conforme apresentado por Dantas *et al.*, (2021), uma das estratégias recomendadas é a realização de sessões educativas com os pacientes hipertensos, abordando temas como a correta posologia dos medicamentos prescritos, os possíveis efeitos colaterais e a importância do acompanhamento médico regular.

É essencial que o farmacêutico promova a conscientização sobre os perigos da automedicação e incentive a busca por ajuda profissional sempre que necessário. Outra medida importante é a avaliação criteriosa dos medicamentos adquiridos sem prescrição médica pelos pacientes hipertensos (Dantas *et al.*, 2021). Já para Naves *et al.* (2010) o farmacêutico deve orientar sobre os riscos associados à combinação inadequada de fármacos e alertar para possíveis interações medicamentosas que podem comprometer o tratamento da hipertensão.

Torna-se compreensível que as estratégias eficazes que podem ser introduzidas pelo farmacêutico para reduzir a automedicação em pacientes com hipertensão incluem a educação continuada, a promoção do uso racional de medicamentos e a orientação individualizada (Oliveira *et al.*, 2013). Ao atuar de forma proativa na prevenção da automedicação, o farmacêutico poderá contribuir significativamente para a melhoria da qualidade de vida e o controle adequado da pressão arterial nesse grupo de pacientes (Oliveira *et al.*, 2013).

Compreende-se que a utilização inadequada de medicamentos é um problema sério que pode acarretar uma série de riscos à saúde dos indivíduos. De acordo com a

Organização Mundial da Saúde (OMS), a utilização incorreta de medicamentos pode levar a eventos adversos, reações alérgicas, intoxicações, resistência bacteriana, entre outros problemas graves (Cardoso *et al.*, 2024).

Outro risco importante é o desenvolvimento de resistência antimicrobiana. O uso indiscriminado de antibióticos e outros medicamentos pode favorecer o surgimento de bactérias resistentes aos tratamentos disponíveis, tornando as infecções mais difíceis de serem controladas (Arraias *et al.*, 2016). De acordo com Araújo *et al.*, (2022) a resistência antimicrobiana é uma das maiores ameaças à saúde global atualmente.

Portanto, é fundamental que os profissionais da saúde e os pacientes estejam cientes dos riscos associados à utilização inadequada de medicamentos e sigam corretamente as orientações médicas. A educação em saúde e a promoção do uso racional de medicamentos são medidas essenciais para prevenir eventos adversos e garantir a eficácia dos tratamentos (Araújo *et al.*, 2022).

Observa-se que pesquisas recentes também apontam para as limitações na comunicação entre médicos e pacientes como um fator contribuinte para a automedicação. Um estudo de Figueiredo *et al.* (2012) revelam que os pacientes frequentemente não compreendem plenamente as instruções de seus profissionais de saúde, o que os leva a buscar informações externas ou mesmo ajustar sua medicação por conta própria.

Este comportamento pode ter consequências desastrosas, especialmente para aqueles com condições crônicas como hipertensão, onde a precisão no tratamento é crucial. A fim de mitigar essas falhas de comunicação, a utilização de linguagem clara e acessível, materiais educativos adaptados e a introdução de programas interativos de sensibilização podem empoderar os pacientes a gerenciar suas condições de forma segura e informada (Figueiredo *et al.*, 2012). Desta forma, a relação entre pacientes e as equipes de saúde se fortalecem, fomentando uma colaboração mais engajada e efetiva no tratamento da hipertensão.

2.3 INTERVENÇÕES FARMACÊUTICAS NA PREVENÇÃO DA AUTOMEDICAÇÃO EM PACIENTES HIPERTENSOS

Segundo Barroso *et al.* (2021) as intervenções farmacêuticas têm se mostrado

eficazes na educação e conscientização dos pacientes sobre os riscos da automedicação e na promoção do uso correto dos medicamentos prescritos para o controle da hipertensão arterial.

Os farmacêuticos podem atuar como educadores de saúde, fornecendo informações precisas sobre os medicamentos, orientações sobre a importância do acompanhamento médico regular e alertando sobre os possíveis efeitos colaterais e interações medicamentosas (Cardoso *et al.*, 2024).

Além disso, as intervenções farmacêuticas também incluem a identificação de sinais de automedicação nos pacientes hipertensos, como a compra frequente de medicamentos sem receita médica ou o relato de uso excessivo de determinados fármacos. Nesses casos, o farmacêutico pode intervir, orientando o paciente a procurar ajuda médica e encaminhando-o para uma avaliação mais detalhada (Silva Júnior, 2019).

Ainda em conformidade com Silva Júnior (2019) observa-se que as intervenções farmacêuticas contribuem significativamente para a redução da automedicação em pacientes hipertensos, promovendo uma melhor adesão ao tratamento prescrito e diminuindo o risco de complicações relacionadas à pressão arterial elevada. Os resultados da pesquisa desenvolvida por esses autores indicaram que a abordagem multidisciplinar, envolvendo médicos, enfermeiros e farmacêuticos, foi essencial para garantir o sucesso das intervenções (Silva Júnior, 2019). Portanto, fica evidente que as intervenções farmacêuticas desempenham um papel crucial na prevenção da automedicação em pacientes hipertensos. O trabalho conjunto entre profissionais de saúde, incluindo farmacêuticos, é fundamental para garantir a segurança e eficácia do tratamento desses pacientes (Silva Júnior, 2019).

Sendo assim, os farmacêuticos podem orientar os pacientes sobre a importância de seguir as prescrições médicas, evitar a combinação de diferentes medicamentos sem supervisão profissional e informar sobre os possíveis efeitos colaterais e interações medicamentosas (Silva Júnior, 2019). Essa abordagem ajuda a evitar erros de medicação e promove o uso seguro dos medicamentos pelos pacientes hipertensos (Arraias *et al.*, 2016).

Destaca-se que um estudo realizado por Arraias *et al.*, (2016) relataram sobre a

importância da atuação do farmacêutico na prevenção da automedicação em pacientes hipertensos. Os autores ressaltaram que a educação continuada dos profissionais de saúde e a integração entre equipe multidisciplinar são fundamentais para garantir o uso racional dos medicamentos nesse grupo de pacientes (Arraias *et al.*, 2016).

Compreende-se que as intervenções farmacêuticas desempenham um papel crucial na prevenção da automedicação em pacientes hipertensos, contribuindo para o uso seguro e eficaz dos medicamentos no controle da pressão arterial (Arraias *et al.*, 2016).

Destaca-se também que o acompanhamento contínuo pelo farmacêutico permite identificar possíveis problemas relacionados à adesão ao tratamento e oferecer suporte personalizado aos pacientes, aumentando a eficácia do tratamento e melhorando a qualidade de vida (Arraias *et al.*, 2016).

Por isso, programas de educação em saúde promovidos pelos farmacêuticos também são importantes ferramentas na prevenção da automedicação em pacientes hipertensos. Esses programas possuem a intenção de conscientizar a população sobre os riscos relacionados à prática da automedicação e focar na importância do acompanhamento médico regular e no controle da pressão arterial (Barroso *et al.*, 2021).

Através das intervenções farmacêuticas, é possível também viabilizar a reconciliação medicamentosa, uma prática relevante no contexto da prevenção da automedicação entre pacientes hipertensos. De acordo com Destro *et al.* (2021) esse processo consiste em revisar e ajustar tratamentos medicamentosos para evitar o uso inadequado e identificar possíveis duplicidades em prescrições não informadas. Essa prática pode prevenir interações medicamentosas perigosas e melhorar a adesão ao tratamento correto, marcando um ponto essencial de apoio para o manejo da hipertensão.

Outro aspecto importante da intervenção farmacêutica reside na assistência contínua e personalizada oferecida aos pacientes, promovendo um acompanhamento detalhado e regular que permite identificar precocemente sinais de automedicação. Conforme apontado por Andrade *et al.* (2024) essa interação contínua não apenas previne a automedicação, mas também educa os pacientes sobre a necessidade de

transparência e comunicação com seus profissionais de saúde. Essa dinâmica cria um ambiente de confiança que é vital para incentivar os pacientes a buscarem aconselhamento sempre que necessário, evitando consequências adversas decorrentes da automedicação.

2.4 AÇÕES EDUCATIVAS E ORIENTAÇÕES SOBRE O USO CORRETO DOS MEDICAMENTOS

A automedicação entre pacientes hipertensos apresenta riscos consideráveis que exigem uma resposta proativa e educativa. Além da compreensão imediata dos perigos relacionados à prática da automedicação, é vital que os farmacêuticos instiguem práticas de saúde voltadas para uma cultura de uso consciente de medicamentos (Silva Júnior, 2019).

Andrade *et al.* (2024) notaram que as intervenções educativas promovidas por farmacêuticos podem ser um ponto de mudança crucial no combate à automedicação, principalmente quando relacionadas a doenças cardiovasculares em evolução crônica, como a hipertensão. Essas intervenções incluem a predisposição de informações detalhadas sobre a identificação de efeitos adversos dos medicamentos, interações inadequadas entre elas e a importância do cumprimento rigoroso dos regimes de tratamento estabelecidos (Andrade *et al.*, 2024).

Abordagens educacionais devem ser integradas em níveis sistemáticos e individualizados. Profissionais de farmácia estão na linha de frente da interseção entre saúde pública e assistência individual e, portanto, têm a responsabilidade essencial de fornecer suporte contínuo e integrado para os pacientes por meio de consultas regulares, monitoramento avançado da pressão arterial e práticas personalizadas de aconselhamento sobre estilo de vida (Bonomo *et al.*, 2023).

Percebe-se que a formação em saúde dos farmacêuticos os dá conhecimento técnico que os habilita a educar as populações sobre o controle da condição de hipertensão, reduzindo assim a vulnerabilidade a outras consequências, como cardiovasculares e renais, que podem emergir do uso inadequado de certos medicamentos (Silva Júnior, 2019).

Inovações na prática farmacêutica, incluindo o uso de tecnologias e plataformas interativas, têm potencial para ampliar o alcance das intervenções educacionais. Isso pode ser realizado por meio de aplicativos móveis projetados para fornecer lembretes de medicamentos, vídeos educacionais online e tele consultas, que facilitarão uma compreensão mais clara e acessível para o paciente das suas necessidades terapêuticas diárias e contribuem para uma adesão aumentada e controle da hipertensão aprimorado (Dantas *et al.*, 2021).

Tais abordagens tecnológicas ampliam a possibilidade dos farmacêuticos de oferecer uma intervenção, dividindo áreas de entre temáticas de uso de medicamento crônico e parâmetros mais gerais de saúde e bem-estar (Lima *et al.*, 2024).

As práticas de farmácia no contexto da saúde pública ajudam a moldar as estratégias adequadas para minimizar os efeitos negativos da automedicação, aprimorando a utilização de medicamentos por paciente hipertensos e fomentando um uso mais racional e consciente (Bonomo *et al.*, 2023).

Portanto, há uma necessidade de campanhas proativas que maximalizem a acessibilidade de informações e estimulem a intervenção farmacêutica para promover a segurança do paciente de maneira abrangente (Bonomo *et al.*, 2023).

Tais programas são essenciais não apenas para fomentar uma prática responsável de uso de medicamentos, mas também para reforçar o papel dos farmacêuticos como educadores de saúde e elementos essenciais na promoção do bem-estar (Arraias *et al.*, 2016).

Ademais, as orientações contínuas são parte essencial do sucesso na prevenção da automedicação na população hipertensa. Envolver os pacientes em atividades de autoeducação que incluam seminários de saúde, a distribuição de material educativo e a promoção de uma comunicação contínua e clara sobre as questões envolvendo o uso de medicações são estratégias fundamentais que se mostram eficazes ao instigar mudanças significativas de comportamento (Melo *et al.*, 2021).

Estabelecer uma real conexão entre pacientes e farmacêuticos pode ser uma abordagem vital para superar os desafios colocados pela automedicação, especialmente em condições crônicas de saúde (Batlouni, 2010).

Com isso, as abordagens educativas executadas pelos farmacêuticos, são críticas para a promoção da saúde e para a prevenção eficiente contra a automedicação. A combinação de estratégias educacionais, monitoramento regular e uso adequado da tecnologia podem resultar em reduções significativas na automedicação em pacientes hipertensos ao mesmo tempo em que se melhora a qualidade da assistência à saúde pública (Mengue *et al.*, 2016).

2.5 USO DE ANTI-INFLAMATÓRIOS NÃO-ESTEROIDAIIS

A automedicação em pacientes hipertensos como mencionado anteriormente, pode acarretar uma série de riscos significativos, incluindo reações adversas graves, interações medicamentosas perigosas e resistências a tratamentos prescritos (Oliveira; Menezes, 2013).

Segundo Carneiro *et al.* (2017) a prática, muitas vezes estimulada pela facilidade de acesso a medicamentos, resulta frequentemente no agravamento das condições de saúde ao invés de alívio. Exemplos notáveis incluem o uso indiscriminado de anti-inflamatórios não-esteroidais (AINEs), que podem aumentar a pressão arterial e causar complicações renais em pacientes hipertensos (Batlouni, 2010).

Nesse cenário, o papel dos farmacêuticos se revela essencial, Angonesi (2011) assinala que esses profissionais devem funcionar como educadores, alertando sobre os riscos da automedicação e incentivando a adesão aos regimes terapêuticos prescritos. Eles também são aptos a identificar comportamentos de risco, graças à sua atuação próxima aos pacientes, e oferecer intervenções personalizadas (Baroso *et al.*, 2020).

A revisão de medicação dirigida por farmacêuticos, conforme proposto por Mengue *et al.* (2016), emergiu como uma prática eficaz para a identificação de interações medicamentosas potencialmente perigosas, reforçando a segurança do tratamento da hipertensão. A colaboração multidisciplinar entre médicos, farmacêuticos e outros profissionais de saúde é vital para enfrentar a automedicação e melhorar o manejo da hipertensão, promovendo assim uma notável melhora na qualidade de vida dos pacientes (Baroso *et al.*, 2020).

A automedicação em pacientes hipertensos se apresenta como uma questão

crítica na área da saúde, segundo Oliveira e Menezes (2013), a automedicação, muitas vezes impulsionada pela facilidade de acesso a medicamentos nas farmácias, representa um risco significativo devido potenciais complicações de saúde que podem surgir. Ela pode resultar em reações adversas, interações medicamentosas prejudiciais e falhas no tratamento, especialmente em um contexto em que a pressão arterial precisa ser manejada de forma rigorosa.

A literatura destaca que pacientes hipertensos que se automedicam frequentemente negligenciam a complexidade do manejo da pressão arterial, conforme salientado por Carneiro *et al.* (2017). Dada à gravidade dos riscos, a atuação dos farmacêuticos é essencial na prevenção da automedicação e na promoção do uso correto dos medicamentos entre pacientes hipertensos. Angonesi (2011) aponta que o farmacêutico é de grande importância para a orientação sobre o uso adequado de medicamentos, desempenhando um papel educativo fundamental e agindo como um intermediário entre o paciente e o sistema de saúde. Ao educar os pacientes sobre os perigos da automedicação, os farmacêuticos podem ajudar a prevenir possíveis complicações e assegurar a aderência ao tratamento prescrito pelos médicos (Angonesi, 2011).

Além da educação, os farmacêuticos também são cruciais na identificação de sinais de automedicação. O estudo dos autores Baroso *et al.* (2020) ilustram como os farmacêuticos podem utilizar sua posição como profissionais de saúde de primeira linha para identificar comportamentos de risco entre os pacientes hipertensos, orientar sobre mudanças no estilo de vida, e garantir que os pacientes estão devidamente orientados sobre o uso seguro dos medicamentos. Isso envolve a realização de consultas individualizadas e a adaptação das orientações conforme as necessidades e condições específicas de cada paciente.

Finalmente, a introdução de programas de revisão de medicação liderados por farmacêuticos pode ser uma estratégia eficaz para mitigar os riscos associados à automedicação em pacientes hipertensos. Segundo Mengue *et al.* (2016) tais programas permitem a análise detalhada dos medicamentos utilizados por pacientes, identificando potenciais interações prejudiciais e promovendo uma gestão mais segura e racional do tratamento da hipertensão.

A questão da automedicação em pacientes hipertensos torna-se ainda mais crítica quando se observa a multiplicidade de fatores que influenciam essa prática. Como explicam Naves *et al.* (2010) um dos principais impulsionadores da automedicação é a percepção equivocada sobre os sintomas e a gravidade da hipertensão. Muitos pacientes subestimam a necessidade de um acompanhamento médico contínuo e acreditam que a pressão arterial pode ser gerida de forma autônoma por meio do uso contínuo de medicamentos conhecidos ou de novas drogas facilmente adquiridas nas farmácias. Isso resgata a importância de intervenções que não apenas informem, mas que também incentivem mudanças comportamentais profundas entre esses pacientes.

Nesse cenário, os farmacêuticos desempenham um papel crucial como intermediários entre o paciente e o sistema de saúde. Estudos realizados por Destro *et al.* (2021) mostram que as ações educativas dos farmacêuticos não apenas ajudam a elucidar os riscos associados à automedicação, mas também promovem a adesão a terapias prescritas, incentivando o uso responsável dos medicamentos e destacando a necessidade de consultas regulares com profissionais de saúde.

A introdução de programas educacionais voltados especificamente para a população hipertensa, que incluem sessões de aconselhamento e monitoramento da pressão arterial nas farmácias, mostrou-se eficaz para aumentar a conscientização e reduzir significativamente a incidência de automedicação em vários contextos (Destro *et al.*, 2021). Essas ações contribuem para a construção de uma relação de confiança entre os pacientes e os farmacêuticos, promovendo um ambiente seguro e de apoio onde dúvidas podem ser expressas sem medo de julgamento, o que potencializa a eficiência dessas intervenções.

3 METODOLOGIA E MÉTODOS DA PESQUISA

De acordo com Gil (2022) a pesquisa bibliográfica baseia-se em material já elaborado, como livros, artigos científicos e documentos eletrônicos. Por isso, para este trabalho, com intuito de analisar sobre o papel do farmacêutico na prevenção contra a automedicação de paciente hipertensos, selecionaram-se alguns procedimentos

metodológicos baseados na literatura de Gil (2022), o qual afirma que a pesquisa realizada por meio de levantamento bibliográfico tem como finalidade analisar materiais já publicados anteriormente.

Ainda em conformidade com Gil (2022), a utilização de fontes secundárias na coleta de dados é fundamental para embasar as pesquisas bibliográficas, por isso, pode-se afirmar que este trabalho se trata de uma pesquisa bibliográfica qualitativa, construídas a partir de fontes secundárias. Como afirmou o autor, "a pesquisa bibliográfica é essencial para contextualizar o problema de pesquisa e fornecer embasamento teórico sólido para o estudo" (Gil, 2022, p. 45).

Desenvolvemos a coleta de informações e dados para esse trabalho, por meio da revisão integrativa sistemática da literatura com intuito de responder aos objetivos propostos, por isso, também se pode afirmar que essa é uma pesquisa exploratória (Gil, 2022).

Sendo assim, com intuito de aprofundar a temática, selecionou-se a plataforma de dados da Revista Scielo e Pubmed, selecionando artigos científicos publicados entre os anos de 2019 e 2024 sobre a automedicação em pacientes hipertensos, usando como critério de inclusão artigos em idioma português e Inglês, através dos seguintes descritores: hipertensão; automedicação; fármacos; malefícios.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo investigou os riscos da automedicação em pacientes hipertensos e a importância da intervenção farmacêutica para prevenir essa prática. A automedicação entre hipertensos foi reiteradamente identificada como uma prática perigosa, potencialmente exacerbando a condição dos pacientes e elevando o risco de complicações graves, como eventos cardiovasculares (Carneiro *et al.*, 2017). A maior parte dos artigos analisados concorda quanto à urgência de medidas preventivas devido aos riscos de interações medicamentosas adversas e à subversão do tratamento médico adequado (Cordeiro, 2021).

A análise qualitativa dos dados destacou que a automedicação frequentemente decorre da falta de acesso a serviços de saúde e da confiança nos próprios julgamentos dos pacientes sobre seus sintomas e tratamento. Dantas *et al.* (2021)

observaram que os pacientes em áreas de difícil acesso demoram a se consultar com profissionais de saúde, recorrendo assim à automedicação como solução viável. Este é um ponto crucial para as políticas de saúde pública, evidenciando a necessidade de melhorar o acesso a cuidados médicos em áreas rurais.

Outro ponto crítico levantado foi que a automedicação pode levar ao descontrole da hipertensão, resultando em internações frequentes e custos elevados para o sistema de saúde (Romano Lieber *et al.*, 2002). Isso reforça a relevância das intervenções farmacêuticas como meio de reduzir práticas de automedicação, auxiliando pacientes a compreender os riscos associados e a importância de seguir a orientação médica. A atuação do farmacêutico em campanhas educativas tem sido eficaz na redução desses riscos, conforme demonstrado em estudos anteriores (Silva Júnior, 2019).

As divergências nas abordagens das intervenções farmacêuticas foram evidentes, com alguns estudos focando especialmente na educação continuada e outros na avaliação e revisão constante dos medicamentos utilizados pelos pacientes (Cardoso *et al.*, 2024). No entanto, o consenso generalizado destaca que o impacto positivo das intervenções farmacêuticas é claro, proporcionando uma melhoria na adesão ao tratamento em relação às orientações médicas e prevenindo eventos adversos.

Os dados analisados corroboram a necessidade de fortalecer as ações educativas sobre os riscos da automedicação e o uso racional de medicamentos, (Silva *et al.*, 2011). Comparações com estudos internacionais também revelaram que a maior acessibilidade e comunicação entre pacientes e farmacêuticos resultam em um melhor manejo da hipertensão e uma redução nos casos de automedicação (Baroso *et al.*, 2020).

Por fim, os resultados destacam a importância da integração dos farmacêuticos como parte essencial da equipe de saúde, reforçando sua função educativa e de monitoramento contínuo do tratamento dos pacientes hipertensos, conforme a RDC nº 44/2009 - resolução que dispõe sobre as Boas Práticas Farmacêuticas para o controle sanitário da dispensação, comercialização e funcionamento de farmácias e drogarias (Brasil, 2009), e a Portaria nº 4.279/2010 – que descreve a Assistência Farmacêutica como um dos elementos constituintes das Redes de Atenção à Saúde (RAS) (Brasil,

2010).

Reafirma-se a necessidade crítica de programas educacionais contínuos e acessíveis para corrigir os equívocos sobre automedicação e aprimorar a saúde pública de forma geral. A análise dos dados obtidos na pesquisa realizada reflete que a automedicação entre pacientes hipertensos é um problema de grande magnitude, associado a consequências severas para a saúde dos indivíduos afetados. Conforme ressaltado por Carneiro *et al.* (2017), a automedicação pode levar a um descontrole significativo dos níveis de pressão arterial, resultando em um aumento dos riscos de complicações graves, como acidentes vasculares cerebrais e infartos do miocárdio. Ao contrário do que muitos pacientes podem acreditar, o manejo inadequado da hipertensão por meio de automedicação tende a mascarar os sintomas, retardando diagnósticos apropriados e tratamentos eficazes (Domingues *et al.*, 2017).

No contexto da prevenção e intervenção eficaz por parte dos farmacêuticos, os estudos analisados demonstram que a atuação desse profissional é essencial na prevenção da automedicação e na promoção do uso seguro de medicamentos entre pacientes hipertensos (Silva Júnior, 2019).

A intervenção farmacêutica eficaz objetiva promover a educação do paciente quanto aos perigos do uso autônomo de medicamentos e o esclarecimento sobre a importância de seguir as prescrições médicas e a necessidade de consultas regulares para monitoramento da condição (Silva Júnior, 2019).

Ademais, os resultados discutidos evidenciam que intervenções educacionais e orientações personalizadas proporcionadas pelos farmacêuticos resultam em melhora significativa na adesão ao tratamento e na gestão da hipertensão. Através do desenvolvimento de programas educacionais, como sessões de orientação e monitoramento de pressão arterial, os farmacêuticos conseguiram promover uma compreensão mais profunda dos riscos da automedicação e um manejo mais consciente dos medicamentos prescritos. Essas iniciativas têm se mostrado efetivas na redução da prática de automedicação, permitindo uma abordagem mais eficaz e segura para o controle da hipertensão (Destro *et al.*, 2023).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo investigou o impacto da automedicação em pacientes com hipertensão e o papel do farmacêutico na prevenção dessa prática através de intervenções educativas. Identificou-se que a automedicação em pacientes hipertensos pode levar ao manejo inadequado da doença e aumentar o risco de complicações cardiovasculares.

Este trabalho contribui ao evidenciar a importância de integrar farmacêuticos como elementos chave nas políticas de saúde pública. As descobertas reforçam que a intervenção farmacêutica, através de ações educativas e orientações sobre o uso correto dos medicamentos, podem reduzir significativamente as práticas de automedicação e melhorar o manejo da hipertensão. A presença ativa do farmacêutico nas campanhas de conscientização é fundamental para garantir uma saúde pública mais abrangente e eficaz.

Apesar das contribuições significativas, este estudo possui limitações, principalmente por ter sido baseado em revisão bibliográfica e não incluir uma análise empírica direta. Para pesquisas futuras, seria valioso explorar estudos empíricos que investiguem o impacto de programas educativos de farmacêuticos em diferentes populações hipertensas, além de avaliar a eficácia de abordagens tecnológicas na comunicação entre pacientes e profissionais de saúde.

Os achados deste estudo são essenciais para reforçar a relevância dos farmacêuticos na prevenção da automedicação em pacientes hipertensos. Ao promover o uso responsável dos medicamentos e realizar monitoramento contínuo, os farmacêuticos tornam-se aliados indispensáveis na promoção da saúde e na redução de complicações associadas à hipertensão. Integrar suas funções nas políticas públicas de saúde é, portanto, uma estratégia fundamental para aprimorar a qualidade de vida da população e garantir um uso mais eficaz dos recursos de saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, F.S.; *et al.* A importância da atenção farmacêutica no acompanhamento de

pacientes hipertensos na atenção primária. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.7, n.1, p.3104-3123, jan./fev. 2024. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/66715/47570>. Acesso em: 05 out. 2024.

ANGONESI, Dom, RENNÓ, M.U.P. Dispensação farmacêutica: proposta de um modelo para a prática. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.16, n.9, p.3883–3891. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011001000024>. Acesso em: 05 out. 2024.

ARRAIAS, P.S. Dom; *et al.* Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Rev. Saúde Pública**, v.50, n.13, dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/PNCVwVMbZYwHvKN9b4ZxRh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 out. 2024.

ARAÚJO, B.C. *et al.* Prevenção e controle de resistência aos antimicrobianos na Atenção Primária à Saúde: evidências para políticas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n.1, p.299–314, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022271.22202020>. Acesso em: 05 out. 2024.

BARROSO, W.K.S., *et al.* Diretrizes Brasileiras de Hipertensão Arterial – 2020. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v.116, n.3, p.516–658, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.36660/abc.20201238>. Acesso em: 05 out. 2024.

BATLOUNI M. Anti-inflamatórios não esteroides: Efeitos cardiovasculares, cerebrovasculares e renais. **Arq. Bras Cardiol. Apr.** v.94, n.4, p.556–63, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0066-782X2010000400019>. Acesso em: 05 out. 2024.

BONOMO, L. de F., *et al.* Educação permanente para farmacêuticos preceptores que atuam na atenção primária no Sistema Único de Saúde: um estudo qualitativo. **Physis: Revista De Saúde Coletiva**, v.33, e33081, 2023. <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202333081>. Acesso em: 05 out. 2024.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC nº 44, de 17 de agosto de 2009. Dispõe sobre Boas Práticas Farmacêuticas para o controle sanitário da dispensação, comercialização e funcionamento de farmácias e drogarias. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 78-79, 18 ago. 2009. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/setorregulado/regularizacao/farmacias-e-drogarias/boas-praticas-farmaceuticas>. Acesso em: 05 de out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 4.279, de 30 de dezembro de 2010. Estabelecem diretrizes para a organização da Rede de Atenção à Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 88, 31 dez. 2010. Disponível em: https://bvsm.sau.gov.br/bvs/sau delegis/gm/2010/prt4279_30_12_2010.html. Acesso em: 05 out. 2024.

CARDOSO, B.C.C. *et al.* Perfil de adesão de pacientes hipertensos atendidos em unidade básica de saúde no município de Imperatriz, Maranhão. **Revista Científica Do ITPAC**, v.16, n.1, 2024. Disponível em: <https://revista.unitpac.com.br/itpac/article/view/132>. Acesso em: 05 out. 2024.

CORDEIRO, Lucas Horn. **Análise da prática da automedicação e a potencial toxicidade de medicamentos**. 2021. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2021. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/6071>. Acesso em: 05 out. 2024.

CUNHA, M. A banalidade do mal psicofarmacológico em tempos de performance. **Psicol USP**. v. 32 :e200052, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200052>. Acesso em: 05 out. 2024.

DANTAS, M.N.P. *et al.* Fatores associados ao acesso precário aos serviços de saúde no Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 24, e210004, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720210004>. Acesso em: 05 out. 2024.

DESTRO, D.R. *et al.* Desafios para o cuidado farmacêutico na Atenção Primária à Saúde. **Physis: Revista De Saúde Coletiva**, v.31, n.3, e310323, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310323>. Acesso em: 05 out. 2024.

DIRETRIZ, Brasileira de Insuficiência Cardíaca Crônica e Aguda. **Arq. Bras Cardiol**, Sep, v.111, n.3, p.36–539, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/abc.20180190>. Acesso em: 05 out. 2024.

DOMINGUES, P.H.F.; *et al.* Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: Estudo transversal de base populacional. **Epidemiol. Serv. Saude**, Brasília, v.26, n.2, p.319-330, abr-jun, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/FD7s5rP6RwrhLqLVBThgGQR>. Acesso em: 05 out. 2024.

FIGUEIREDO, M.C.; *et al.* Armazenagem e descarte de medicamentos: uma questão de educação e saúde. In: **Anais do 3º Congresso Internacional de Tecnologias para o Meio Ambiente**, 2012 abril 25-27; Bento Gonçalves, BR. Bento Gonçalves: Proamb; 2012. Disponível em: <http://www.proamb.com.br/downloads/befr4g.pdf>. Acesso em: 05 out. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 7. ed. Barueri: Atlas, 186 p. 2022.

LIMA, A.A.; *et al.* Diagnóstico e atenção farmacêutica em pacientes com diabetes mellitus: uma revisão de literature. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.7, n.3, p.01-14, may/jun., 2024. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/download/69614/4921>

0/171007. Acesso em: 05 out. 2024.

LIMA, B.B.S.; et al. Associação entre adesão ao tratamento e tipos de complicações cardiovasculares em pessoas com hipertensão arterial. **Texto contexto - enferm.** v.25, n.3, Florianópolis, 2016 Epub Aug 18, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/JDdKJcsyQwqP6Hdmf3CYdNr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 out. 2024.

MELO, J.R.R.; et al. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. **Cadernos De Saúde Pública**, v.37, n.4, e00053221, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00053221>. Acesso em: 05 out. 2024.

MENGUE, S.S. et al. Access to and use of high blood pressure medications in Brazil. **Revista de saúde publica** v.50, n.2, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/Q8rkJR7H3ZJXRSjqW4WfRLD/#>. Acesso em: 05 out. 2024.

MOURA, Beatriz Vieira de. Uso de medicamentos por pessoas idosas nos bairros de maior concentração dessa população na cidade de Santos. 2009. 175 f. **Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Católica de Santos, Santos**, 2009. Disponível em: <https://tede.unisantos.br/bitstream/tede/564/1/Beatriz%20Vieira.pdf>. Acesso em: 05 out. 2024.

NAVES, J. de O.S. et al. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.15, p.1751–1762, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000700087>. Acesso em: 05 out. 2024.

OLIVEIRA, P.A.R.; de MENEZES, F.G. Atenção farmacêutica a pacientes hipertensos. **Revista Eletrônica de Farmácia** v.X, n.1, p.51-68, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/REF/article/view/20622>. Acesso em: 05 out. 2024.

REZENDE, G.O. *et al.* Riscos da automedicação em idosos: fatores de riscos e prevenção do uso de anti-inflamatório e analgésicos. **Revista Foco**, Curitiba (PR), v.16, n.11, p.01-18, 2023. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/3270/2382>. Acesso em: 05 out. 2024.

RODRIGUES, N. de S.; Exposição a interações medicamentosas de pacientes com hipertensão resistente e pseudorresistente: um estudo caso-controle. 2017. 86 f. **Tese (Doutorado em Ciências Farmacêuticas)** – Escola de Enfermagem e Farmácia, Programa de Pós-graduação em Ciências Farmacêuticas, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017. <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/3403/1/Exposi%3%a7%3%a3o%20a%20intera%3%a7%3%b5es%20medicamentosas%20de%20pacientes%20com%20hipertens%3%a3o%20resistente%20e%20pseudorresistente%20um%20estudo%20caso-controle.pdf>. Acesso em: 05 out. 2024.

ROMANO-LIEBER, N.S. et al. Revisão dos estudos de intervenção do farmacêutico no uso de medicamentos por pacientes idosos. **Cadernos de Saúde Pública**, v.18, n.6, p.1499–1507, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2002000600002>. Acesso em: 05 out. 2024.

SILVA JÚNIOR, J.A. da. Atenção farmacêutica no uso racional de medicamentos como estratégia na promoção da saúde aos grupos pediátricos e geriátricos: Uma revisão integrativa. 2019. 59 f. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Farmácia)** - Universidade Federal do Amazonas, Itacoatiara, 2019. Disponível em: <https://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/5637>. Acesso em: 05 out. 2024.

SILVA, I. M.; et al. Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.16, p.1651–1660, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000700101>. Acesso em: 05 out. 2024.